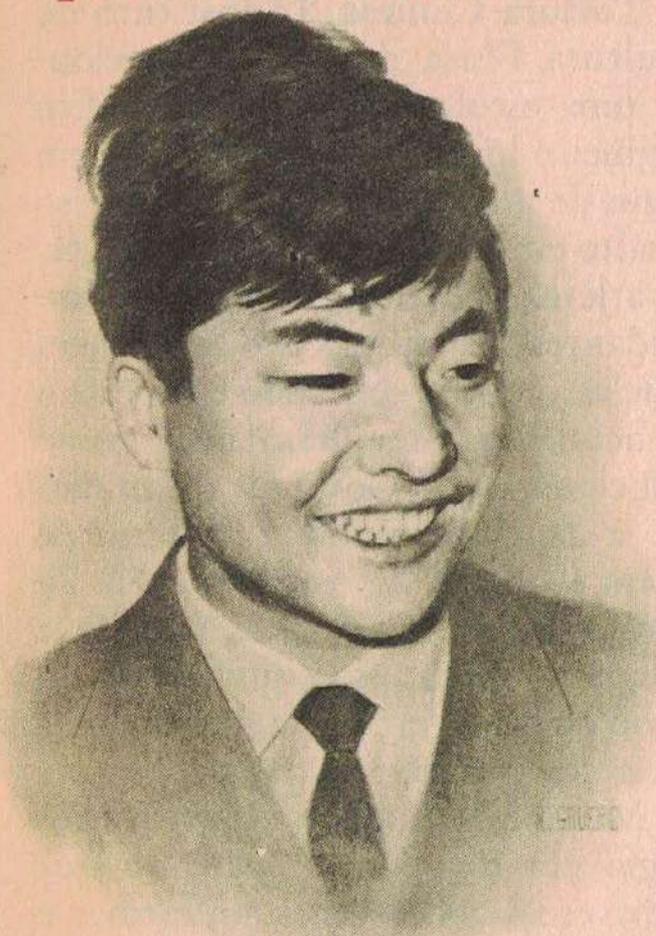


Sufrimento e desespero são os prêmios nas fábricas de atletas de Mao



## Na China de Hoje o Esporte é Uma Guerra

SHIH PEN-SHAN, segundo narrativa feita a LESTER VELIE

**A** PRIMEIRA lição que um atleta aprende na China Vermelha é que os esportes não são divertimento. São uma forma de guerra travada pela revolução mundial. Dentro da China, os esportes servem à “política proletária”, difundindo a idéia de que o pensamento de Mao Tsé-tung arma o atleta para a vitória e, assim, pode alcançar o sucesso. No exterior, as atividades atléticas tornam-se um “importante complemento da luta comunista”, is-

to é, um instrumento de subversão.

Eu ajudei a disputar êsses mortíferos jogos para os comunistas chineses como competidor internacional no principal esporte da China, o tênis de mesa. A China Vermelha conservava o título mundial de simples masculino desde 1959. Eu fazia parte de uma elite esportiva que é treinada militarmente pelo Estado para vencer em competições de amadores. Meu corpo era fortalecido por treinamento de manhã à noite e meu

espírito moldado pela “preparação ideológica”. Nem as minhas emoções me pertenciam. Embora a minha história se refira a esportes, deve derramar alguma luz sobre a história maior da vida sob o maoísmo que se está desenrolando atualmente na China.

Como milhões de outros garotos chineses, comecei a jogar tênis de mesa antes mesmo de minha cabeça alcançar a borda de uma mesa. Os meninos chineses sonham em tornar-se jogadores de tênis de mesa. Jogávamos em mesas de cozinha, em tábuas de camas e até no chão. Eu tinha um jeito natural para o jogo e aos 11 anos de idade venci o campeonato de escolas primárias em Cantão. Dois anos mais tarde, depois de me tornar campeão escolar da província de Kwangtung, o diretor da minha escola, que era também secretário da seção do Partido Comunista do estabelecimento, chamou-me ao seu gabinete. “Parabéns”, disse-me êle. “Recebi instruções do Partido para transferi-lo para o Instituto de Cultura Física de Cantão.”

Ninguém me havia perguntado se eu queria ir para êsse colégio—um dos 10 “institutos de educação física” construídos pelos comunistas desde a revolução—e eu não tinha mais voz ativa no caso do que se me tivessem convocado para o serviço militar. Dos 1 000 alunos do colégio, cerca de 500 são preparados para serem professores de Educação Física. Os restantes são treinados para representar a China Comunista em competições internacionais amado-

ristas em esportes que vão do arco e flecha à natação.

**Tortura Chinesa.** O Instituto de Cultura Física de Cantão revelou-se uma escola fora do comum. Em primeiro lugar, distribuía títulos em tênis de mesa, levantamento de pêso e salto em altura. Em segundo lugar, os atletas ali permaneciam como “estudantes” durante todos os anos em que estivessem vencendo e recebiam vencimentos regularmente, como funcionários do Govêrno. (Meu ídolo, o campeão mundial de tênis de mesa Chuang Tsé-tung, recebia 70 iuãs por mês. Com casa, comida e roupa de graça, isso equivalia ao salário de um prefeito ou de um chefe de seção do Govêrno.)

Mas também a nossa parte do colégio era mais um quartel do que uma escola. Usávamos uniformes e éramos arrancados da cama às cinco e meia da manhã. À exceção das refeições, de um cochilo depois do almoço e de várias horas de “instrução ideológica”, nada mais havia senão partidas de treino, cultura física e intermináveis exercícios, até que—ao fim de um dia de 17 horas—caíamos na cama exaustos às 10h 30m da noite.

Tínhamos aulas de matérias acadêmicas apenas em duas tardes da semana escolar de seis dias. E até essas aulas, como no Exército, eram dedicadas a problemas táticos. Os 16 rapazes e môças do meu programa de tênis de mesa utilizavam a Geometria para calcular os ângulos mais eficientes do braço em relação

à mesa, ou da raqueta em relação à mesa, nos quais uma bola pudesse ser atingida com mais fôrça ou com mais efeito.

Nosso treinamento era dividido em duas áreas, a física e a ideológica. Da física, só posso dizer que era uma tortura chinesa. Os chineses sabem que no tênis de mesa não é apenas o pulso que conta, mas também a parte superior das pernas e a parte inferior das costas. Para ganhar resistência, começávamos no ponto em que os atletas de outros países param. Depois de correr quilômetros por terreno montanhoso ou de nadar dezenas de voltas na piscina, amarrávamos, em volta das coxas e nas barrigas das pernas, sacos de areia em formato de salsichas, e corríamos sem sair do lugar até que lágrimas de agonia nos rolavam pelas faces. Ou então usávamos uma raqueta de ferro 10 vezes mais pesada do que a comum e batíamos a bola até que os pulsos e os antebraços inchassem.

Mas era nos exercícios para apurar os nossos reflexos a uma velocidade de obturador de máquina fotográfica—para acompanhar o ritmo de relâmpago do jôgo moderno—que a tortura tocava as raias da resistência humana. No trabalho de preparação física, podíamos deixar o espírito ausente, mas ali tínhamos de estar vívidamente alerta. O treinador colocava-se ao lado de uma lâmpada que emitia sinais rápidos em cinco côres. Corríamos para a frente a velocidade máxima ao sinal verde, e para trás, ao azul; parávamos instan-

taneamente ao vermelho; pulávamos para o lado, à esquerda, ao amarelo; e à direita, ao branco. Ai do preguiçoso que não reagisse com suficiente rapidez! Por castigo, continuaria a correr e a parar como um fantoche na ponta de um cordel até que—como um fantoche—caísse ao chão feito um trapo.

**Autômato Pelo Estado.** Mas o instrutor comunista desempenhava em nossas vidas um papel ainda mais importante do que os treinadores. De fato, enquanto êstes se encarregavam do nosso corpo, o outro se incumbia do nosso espírito. “O objetivo fundamental de vocês”, dizia êle, “é servir aos fins políticos do Estado. Os imperialistas americanos e a burguesia japonêsa pregam que se deve fazer esporte pelo esporte, mas na realidade os seus esportes servem como instrumento da agressão imperialista.”

Não era preciso que o instrutor comunista nos dissesse como os esportes eram importantes para os planos dos comunistas chineses. A preparação nos esportes era confiada aos homens mais elevados e respeitados do Govêrno. O próprio Mao Tsé-tung era a fonte da “instrução ideológica” que devia armar-nos para a vitória. Assim, duas vezes por dia, estudávamos atentamente os *Problemas de Estratégia da Guerra Revolucionária da China*, que, segundo nos diziam, continham verdades universais aplicáveis ao tênis de mesa (ou ao basquetebol, ou ao que fôsse). Uma “verdade” de Mao era que

venceríamos se “desprezásemos estrategicamente o inimigo” (o considerássemos um tigre de papel), “mas o respeitássemos taticamente” (que nos equipássemos para competir tecnicamente com êle).

A base lógica de Mao para disputar o jôgo fatal da guerra era transportada para os nossos jogos com uma fidelidade rígida e fria. Sustentando Mao que na guerra todos os pensamentos de si mesmo devem ser eliminados, não nos permitiam vida íntima. Treinávamos debaixo do maior segrêdo e até atletas e treinadores de outros esportes eram barrados. Quando visitávamos a família aos domingos, éramos avisados para não discutir o nosso trabalho. E, quando voltávamos para o colégio, éramos interrogados. Onde tínhamos estado? Que veículos havíamos tomado e por que itinerário? Com quem havíamos falado? Embora treinassem conosco môças interessantes, as amizades entre rapazes e môças eram proibidas como “complacência com o mesquinho ego”. Se um rapaz e uma môça se enamoravam, todo o pêso do Partido Comunista do colégio era mobilizado para interromper o caso. Sei disso, porque aconteceu comigo.

**Breve Encontro.** Mei-ling (não é êste o nome dela) chamou a minha atenção pela primeira vez num verão em que fomos ambos recrutados para “trabalho socialista” nos arrozais dos arredores de Cantão. A vigilância ali não era tão rigorosa, e em breve começamos a sair furtivamen-

te à noite para um passeio pela beira do rio, contentando-nos apenas em dar as mãos—uma sensação nova para mim. Eu tinha 18 anos nessa época e êses foram os primeiros dias verdadeiramente felizes da minha vida. Mei-ling era uma môça alta de rosto vivo e doce. Estava sendo preparada para competições internacionais de natação.

De volta ao colégio naquele outono, sob as vistas dos cães de guarda do Partido, ver-nos passou a ser algo cheio de frustrações e de perigos. Ainda assim, Mei-ling e eu conseguíamos arranjar-nos. Durante o almoço na cantina, nós nos observávamos atentamente e acabávamos as nossas tigelas de arroz de maneira a podermos chegar juntos ao balcão para repetir. Aí combinávamos apressadamente um encontro do lado de fora depois que as luzes se apagassem. Foi isso que nos perdeu. Por falta de sono à noite, comecei a jogar com negligência e despertei as suspeitas do homem do Partido. Êle observou os meus movimentos e descobriu o nosso segrêdo.

Mei-ling e eu fomos censurados separadamente em “reuniões de crítica” em que os nossos colegas e os homens do Partido vituperaram a nossa fraqueza. Exigiram que eu escrevesse 10 “relatórios de arrependimento” em que confessasse “a traição da minha responsabilidade revolucionária” como atleta para o Estado. Não pude mais ver Mei-ling e disseram-me que ela tinha sido expulsa. Desde que ela estava em quar-

to lugar no seu programa de natação, ao passo que eu era o primeiro no meu grupo de tênis de mesa e muitas vezes vencia encontros internacionais, o Partido—sempre prático—havia cortado a carreira atlética da jovem em vez da minha.

Corpo e alma não puderam mais resistir. Fiquei doente e os médicos da escola me mandaram para a cama. Foi então que no verão de 1964, quando estava deitado com o rosto voltado para a parede, me passou pela cabeça pela primeira vez a desesperada idéia de fugir da China.

**Fervor Revolucionário.** A idéia se foi enraizando mais à medida que me sujeitavam a outras partes da “preparação ideológica”—o adestramento na obediência, por exemplo. Num jôgo com a Indonésia, que a China cortejava politicamente, o homem do Partido me disse que deixasse um adversário ganhar alguns jogos. Os espectadores que conheciam o meu jôgo viram que eu estava perdendo de propósito e me insultaram. Mas tive de engolir a humilhação—eu era apenas um instrumento da política do Estado.

Aonde quer que fôssemos, tínhamos de estudar as obras de Mao até na manhã do dia em que íamos disputar os encontros. Eu ficava doente de vergonha quando tinha de submeter-me a essa idiotice, e tenho certeza de que o mesmo se dava com outros atletas, porque não fui eu o único que me rebelei. Mas não podíamos dizer nada e, ganhássemos ou perdêssemos, Mao ganhava sempre.

Quando a equipe masculina chinesa venceu os japoneses em maio de 1966, todo o mérito coube a Mao. Quando as mulheres perderam para as japonesas, confessaram em prantos nas sessões de autocritica que não haviam estudado Mao suficientemente. Daí por diante, antes dos treinos, amarravam frases de Mao às rêdes de tênis de mesa.

No auge da Grande Revolução Cultural, em setembro do ano passado, outra espécie de loucura se verificou no Estádio dos Trabalhadores de 100 000 lugares em Pequim, onde os atletas de pista e de campo da China iam ser escolhidos para uma próxima competição internacional. O estádio estava ligeiramente coberto de grandes retratos de Mao. Os alto-falantes berravam canções revolucionárias e os Guardas Vermelhos exortavam os espectadores a acompanhar o câro de *slogans*. Quando os atletas entraram no campo, carregavam bandeiras com citações de Mao. Um levantador de pêsos, antes de suspender algumas centenas de quilos, ergueu acima da cabeça um folheto de Mao, para que lhe desse fôrça. Um atleta de salto em altura consultava o livrinho vermelho para inspirar-se antes de cada tentativa no sarrafo. E os Guardas Vermelhos circulavam por tôda a parte, entregando aos atletas frases animadoras de Mao, mandadas pelos espectadores.

O mesmo fervor revolucionário acompanha o atleta para o exterior. Quando a equipe chinesa de tênis de mesa venceu o campeonato mun-

dial em Ljubljana, na Iugoslávia, os jogadores estremearam a assistência com a declaração séria de que Mao é que tinha vencido. “Não ganhamos porque jogamos melhor, mas porque levantávamos no alto a bandeira do pensamento de Mao.”

Nestes últimos anos, os chineses também têm usado os seus atletas como fachada para esconder um grande plano: a criação de um Comintern asiático sob o comando da China. Fantástico? Pense-se nos Jogos das Novas Forças Emergentes (nações em desenvolvimento) planejados pelos chineses vermelhos no Camboja em novembro do ano passado. A China mandou 117 técnicos para levantar uma “cidade dos esportes” em Pnom Penh, no Camboja, e forneceu o equipamento atlético. “O objetivo desses jogos”, declararam os chineses, “é promover a unidade do povo asiático em oposição ao imperialismo e dar impulso às forças da revolução em luta contra os lacaios dirigidos pelos E. U. A.”

**Dom Precioso.** Embora me fôsse cada vez mais penoso servir de peão nesse jogo político de esportes, hesitei em efetuar a separação final. Dois outros atletas já haviam tentado fugir e tinham sido apanhados e punidos. Foram os cartazes em letras garrafais da Revolução Cultural que me apontaram, paradoxalmente, o caminho da fuga. Escritos pelos Guardas Vermelhos, eles exigiam que a China tomasse “o posto avançado imperialista de Macau”, colônia portuguesa pouco mais de 100 quilôme-

tros ao sul de Cantão, no Mar da China. A idéia de que o mundo livre estivesse tão perto obcecou-me.

Saí do colégio num domingo de dezembro do ano passado para “visitar amigos” e fiz de ônibus a metade do caminho até Macau. Depois caminhei durante a noite e escondi-me durante o dia até chegar às montanhas baixas que dominam Macau —a menos de um quilômetro do outro lado da água. Esgueirei-me por entre os postos de observação e as patrulhas da fronteira, atravessei a praia correndo e mergulhei na água. Uma forte correnteza me puxava para o mar. (Soube depois que centenas de pessoas haviam perdido a vida naquela perigosa travessia.) Levei três horas nadando desesperadamente, mas consegui atravessar. Os comunistas que me haviam treinado o corpo para vencer nos esportes deram-me a resistência necessária para ganhar o dom precioso da liberdade.\*

Agora, em Formosa, estou num mundo normal, onde os campos de esporte de um país servem à felicidade do povo e não aos objetivos políticos de um Estado. Quero ensinar a minha técnica ao povo livre do mundo. E posso ensinar-lhe coisas ainda mais importantes: que um homem livre pode derrotar um autômato de cérebro lavado e que jogos são jogos—não guerra.

\* Fui um dos últimos que saíram. Macau recambia atualmente todos os refugiados por um acôrdo que lhe foi impôsto pela China Vermelha.